

CAP 2: Arqueologia da Paisagem: uma abordagem teórica e metodológica

Considerando a paisagem enquanto uma ‘construção’ humana, em que se relacionam questões do ambiente natural e do ambiente social, se desenvolve uma vertente da Arqueologia interessada em entender a maneira como as paisagens se conformam. Surge a Arqueologia da Paisagem, cujo objetivo está em estudar

um tipo específico do produto humano (a paisagem), que usa uma dada realidade (o espaço físico) para criar uma nova realidade (o espaço social: humanizado, econômico, agrário, habitacional, político, territorial, etc.) por meio da aplicação de uma ordenação imaginada (espaço simbólico: na qual [sic] é sentido, percebido, pensado, etc). Esta concepção supõe que a dimensão simbólica forma uma parte essencial da paisagem social e que, portanto, é um entendimento integral que deve ser levado em conta (CRIADO, 1997 apud AMENOMORI, 2005:14-15)

A Arqueologia da Paisagem considera as intervenções humanas como construtoras da paisagem; a partir dos vestígios deixados por estas intervenções – construções, gravuras, pinturas, fogueiras, sepultamentos - e de suas relações com os aspectos naturais do lugar em que estão pode-se dizer sobre a maneira como os povos ou grupos que intervieram na paisagem lidavam com o meio (UCKO & LAYTON, 1999; SANTOS, PARCERO & CRIADO, 1997; KNAPP & ASHMORE, 1999). Isso, claro, considerando que a maneira como as pessoas interagem com o ambiente é mediada pela projeção de suas culturas (HYDER, 2004).

E ainda se pode inferir sobre a relação entre grupos culturais, pois intervenções humanas na paisagem acontecem mediadas também por relações sociais das mais diversas naturezas, que podem ser vistas ou interpretadas se se considerar que os elementos “construídos” na paisagem podem também ser elementos “construtores”, motivando novas relações e novas intervenções no espaço (ISNARDIS, 1997; BENEŠ & ZVELEBIL, 1999; ISNARDIS, 2004; BUENO, 2005).

Esta abordagem, já bastante difundida entre os arqueólogos da Europa e demais continentes, é ainda bem tímida no Brasil, sendo poucos os trabalhos em Arqueologia que consideraram as questões ambientais para análise das ocupações pré-contato como elementos que podiam estar intimamente relacionados a escolhas culturais, e não somente à dinâmica ambiental (sedimentação, erosão, mudanças climáticas) ou

possibilidades econômicas e de subsistência. Entre estes encontra-se o trabalho de Gaspar (2000) sobre os sambaquis, em que estes são analisados sob a perspectiva da monumentalidade construída e intencional, e também como sistemas de sítios interligados. Outro trabalho importante é o de Isnardis (2004) que considera a localização geográfica dos sítios de pintura rupestre do vale do Rio Peruaçu – Alto-médio São Francisco – como elemento para se entender a dispersão das diversas manifestações culturais, explícitas nas pinturas e gravuras deixadas nos abrigos do cânion do Rio Peruaçu, e as relações existentes entre elas. Outros trabalhos como o de Plenz (2003), Bueno (2005), Zarankin (2005), Amenomori (2005) e Ribeiro (2006) também tomam para análise aspectos físicos da paisagem e suas atribuições e possíveis significados culturais.

Contudo, uma análise pormenorizada - lembrando que os trabalhos acima citados foram realizados por antropólogos e historiadores, com exceção do trabalho de Amenomori (2005) - das possíveis relações entre os sítios arqueológicos e o quadro físico e biótico da paisagem, a partir de uma perspectiva da Geografia, pode em muito trazer novas contribuições para o entendimento do uso, construção e ocupação do espaço pelos povos pré-coloniais, agregando, assim, novos valores e abordagens interpretativas para a arqueologia brasileira.

Os sítios de arte rupestre são excelentes materiais para o estabelecimento de uma relação entre os vestígios gráficos neles contidos e suas próprias características naturais. Isso porque as pinturas ou gravuras são fixadas na paisagem. Ao contrário de outros tipos de vestígios, os “artefatos móveis”, que podem ser deixados em locais que sirvam apenas para descarte e que nada tenham a ver com os locais de suas realizações ou com os locais em que se realizam atividades com eles, as pinturas estão exatamente nos locais em que foram feitas (CHIPPINDALE & NASH, 2004).

Considerando que os grafismos

com que grupos ocupam locais dentro do seu território são expressões culturais, não apenas na dimensão obviamente cultural da expressão gráfica, mas também na dimensão da relação desses grupos com a paisagem natural (ISNARDIS, 2004:15-16)

tomar os sítios contendo vestígios de atividades gráficas, ou de atividades cujo um dos produtos são os grafismos, como objeto de análise parece ser uma profícua maneira de se entender uma dinâmica cultural de escolhas e usos da paisagem; da construção da paisagem.

Para conseguir entender esta dinâmica a partir de uma percepção de padrões de inserção dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina (objetivo deste trabalho), conta-se com a aplicação de métodos desenvolvidos não só para esta pesquisa em si, mas também estratégias metodológicas desenvolvidas no âmbito de projetos abrigados no Setor de Arqueologia da UFMG, com os quais esta dissertação de mestrado dialoga estreitamente.

As análises realizadas baseiam-se em observações que consideram a região em que os sítios rupestres estão inseridos e o próprio sítio. Usando, portanto, de informações de macro (a região da Serra do Espinhaço em que os sítios estão inseridos), meso (o entorno dos sítios) e micro escala (o próprio sítio).

2.1 – Procedimentos e métodos

Buscando analisar as paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina lançou-se mão de um conjunto de procedimentos metodológicos que abarcam desde a revisão bibliográfica até a interpretação dos dados obtidos na pesquisa.

O conjunto de procedimentos pode ser observado no fluxograma (Figura 1).

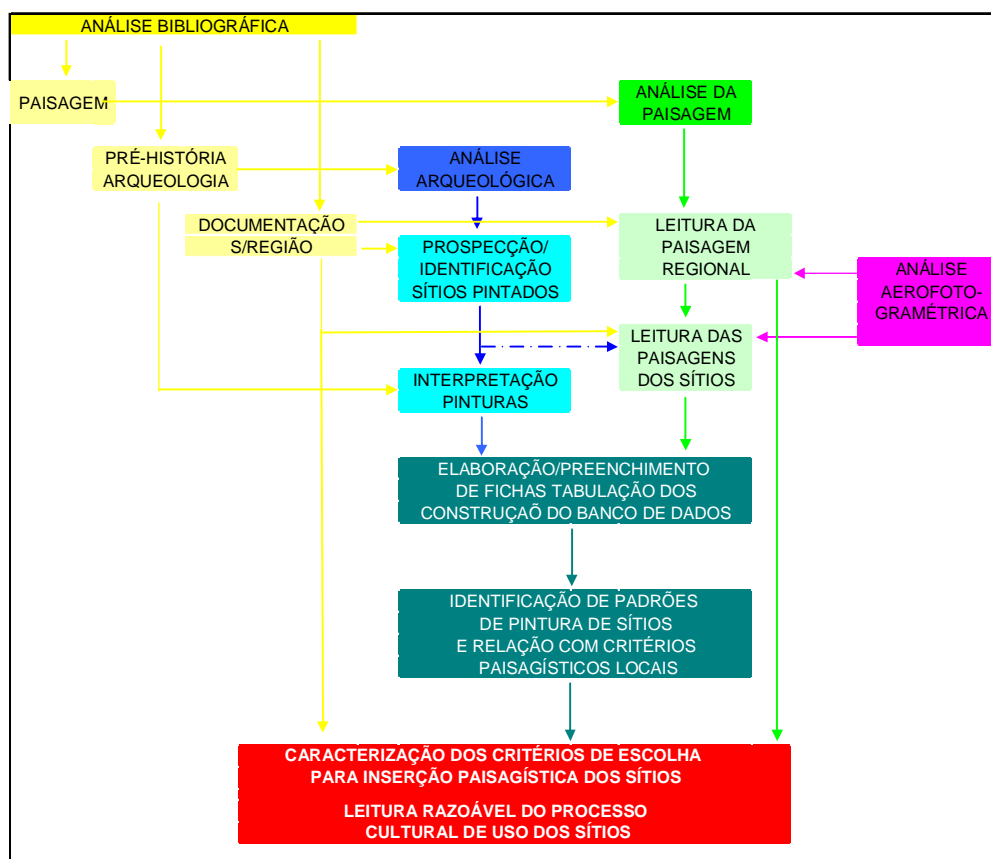


Figura 1: Fluxograma de procedimentos e métodos

A pesquisa bibliográfica buscou reunir informações (dados secundários) sobre a paisagem da Serra do Espinhaço e sobre a Pré-História regional, a fim de auxiliar na análise da paisagem dos sítios rupestres.

Esta análise dividiu-se na leitura dos aspectos naturais da paisagem e dos aspectos culturais da mesma.

Em um primeiro momento a análise das paisagens naturais envolveu procedimentos de fotointerpretação, com objetivo de se conhecer e reunir mais dados sobre a paisagem regional e sobre os ambientes nos quais os sítios são inseridos, enquanto que foram aplicados, para o conhecimento e entendimento dos aspectos culturais – pré-históricos - da paisagem, métodos de prospecção e identificação de sítios, bem como de registro e documentação dos grafismos neles contidos.

Em um segundo momento tanto os aspectos naturais e culturais da paisagem dos sítios foram tratados em um único procedimento que consistiu na elaboração e preenchimento de uma ficha de sítio, elaborada com critérios selecionados a fim de caracterizar os sítios com um nível de detalhamento não alcançado na foto-intepretação. Elaborou-se então um banco de dados com as informações obtidas através da ficha, no qual se realizou o cruzamento dos dados e o tratamento estatístico dos mesmos, a fim de identificar a existência de padrões de escolha para os sítios de pintura e suas relações com aspectos paisagísticos locais, que possam ser interpretados como um processo de construção cultural da paisagem, em que há uma relação íntima com o ambiente.

Em função de ter sido aplicado um conjunto de procedimentos, cuja combinação de alguns e a criação de outros é proposição desta pesquisa, tais procedimentos serão apresentados de forma mais detalhada a seguir.

2.2 - Prospecções e área de trabalho

Quando, em 2004, o Setor de Arqueologia da UFMG iniciou as pesquisas na região de Diamantina, resolveu-se realizar as prospecções de sítios em abrigo a partir de uma área em que aquele projeto que deu início aos primeiros levantamentos sistemáticos, *Diamantina Rupestre*, encontrou o maior número de sítios. Foi delimitado um eixo sobre o qual caminharam equipes, procurando em todos os afloramentos rochosos sítios de pintura em abrigos. Nesta prospecção foram encontrados 18 sítios (Figura 2).

Em incursões posteriores foram encontrados em áreas próximas (Comunidade Galheiros, e nas proximidades do Batatal) mais três sítios. E em outras incursões foram encontrados três sítios na Serra do Pasmarr, próximo a Barão de Guaicuí, um sítio no vale da Olaria, dois próximos à BR 367 e um na Serra Redonda no caminho para São João da Chapada, todos no município de Diamantina, em áreas paralelas ao eixo sistematicamente prospectado pelas equipes do Setor de Arqueologia, ou próximas de sua borda leste. Estes sítios foram identificados a partir de informação oral e em função da curiosidade da Equipe, sempre atenta a afloramentos potenciais, que acabaram guiando a identificação de novos sítios.

Sendo assim, em uma faixa relativamente restrita, conseguiu-se identificar um número de 34 sítios, com quantidade significativa de grafismos rupestres atribuíveis a diferentes unidades estilísticas.

Além das áreas apresentadas, foram prospectadas de forma não intensiva baseada, sobretudo, na informação oral, pequenas áreas nos municípios de Gouveia, Serro e Datas. No município do Serro foram encontrados seis sítios, no de Gouveia outros três e no de Datas um.

Sendo indubitável o potencial arqueológico da região (com outros 11 sítios de pintura conhecidos, identificados por outros pesquisadores na região, além dos 44 identificados pelas pesquisas do Setor, vide mapa, em anexo), escolheu-se trabalhar com uma área amostral, que inclui o eixo intensamente prospectado, ou seja, a área sobre a qual se tem um 'controle' maior das ocorrências.

É preciso aqui considerar que o eixo intensamente prospectado assim o foi em função com proximidade com a estrada (MG 220), que facilitou o acesso aos afloramentos. É fato que a estrada nada tem a ver com um padrão de inserção dos sítios, contudo a estrada está localizada no divisor de águas, assim como uma boa parte dos sítios encontrados. Deste modo, com objetivo de controlar um possível viés da amostra, decidiu-se realizar prospecções em duas áreas paralelas àquele eixo sistematicamente prospectado: uma delas consiste no baixo curso do rio Begônia, no encontro deste com o médio curso do Maçangana e na foz deste no rio Pardo Grande; e a outra consiste nos afloramentos que compõem a Serra do Pasmarr, área na qual já se conheciam dois sítios. A primeira delas foi selecionada por corresponder a um ambiente distinto daquele que comporta o eixo sistematicamente prospectado: as faces dos extensos afloramentos que limitam os vales dos rios supracitados, cujas planícies apresentam-se maiores do que as que já haviam sido percorridas, mesmo que brevemente, na área de trabalho. A segunda

área, Serra do Pasmor, ao contrário da anterior, foi escolhida em função de sua similaridade com a área de trabalho. Nestas prospecções foram encontrados mais onze sítios de pintura rupestre, sendo dois na área dos vales e nove na Serra do Pasmor.

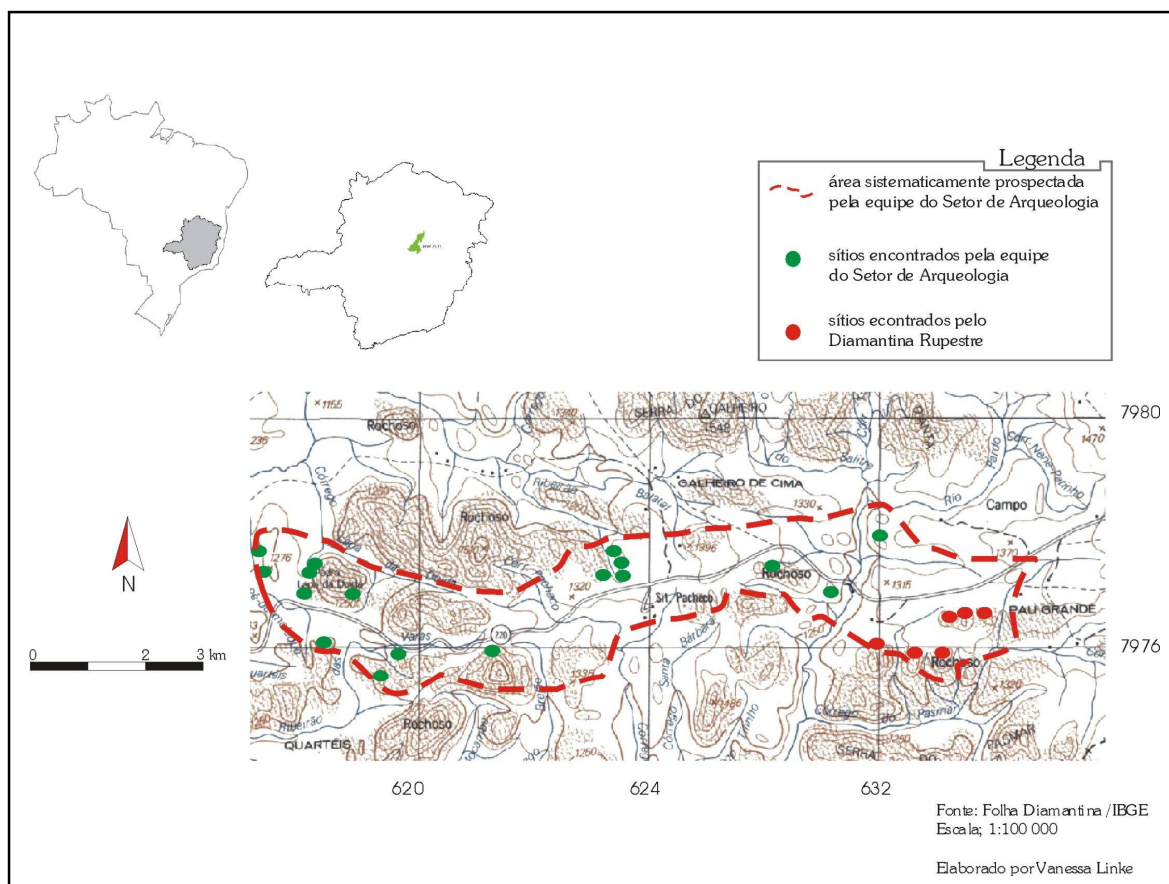


Figura 2: Mapa de área prospectada em Diamantina com sítios encontrados

2.3 - A produção dos dados

Quando da realização do *Diamantina Rupestre*, começou-se a aventar uma possibilidade de haver uma recorrência na inserção dos sítios encontrados nos trabalhos de prospecção do referido projeto (LINKE et al, 2006). Contudo o número de sítios trabalhados pelo projeto constituía-se de uma pequena amostra (apenas doze sítios). À medida que novas prospecções foram realizadas pelo Setor de Arqueologia da UFMG pode-se observar que parecia sim haver uma recorrência nas características dos sítios pintados com a paisagem em que estes estavam inseridos, mas que esta inserção era predominante, e não única. A maioria dos sítios estava, aparentemente, situada em locais de fácil acesso, no terço inferior do afloramento, e voltados para áreas de campo,

mas foram encontrados sítios em áreas diferentes: terço médio e superior dos afloramentos, cujo acesso fazia-se por meio de escaladas e subidas de rampas íngremes.

Todas estas suspeitas, na verdade, vinham daquilo que dá início à maior parte das pesquisas: intuição, baseada no mais puro empirismo. Era necessário que fossem, portanto, aplicados métodos de análise das paisagens dos sítios em uma amostra adequada (que era garantida pelo número de sítios então identificados) para verificar a existência de um padrão de escolhas dos sítios de pintura em abrigo.

Com este objetivo, este trabalho construiu uma metodologia de análise das paisagens dos sítios baseada em um elenco de atributos/critérios selecionados para caracterizar os sítios de pintura e seu entorno.

Estes critérios foram organizados em uma ‘ficha’, que por sua vez foi aplicada, em campo, aos sítios localizados dentro da área de trabalho. Faz-se uma ressalva de que o universo aqui investigado constitui-se dos abrigos que apresentam hoje vestígios gráficos, é possível que outros abrigos não tenham conservado as pinturas que neles foram realizadas.

Os critérios utilizados foram selecionados a fim de contemplar características da morfologia dos sítios (tamanho, tipo de piso...), elementos naturais presentes no entorno dos sítios (campo, drenagem, aspectos da vegetação...) e as pinturas rupestres (conjuntos estilísticos, temática presente e predominante), e podem ser vistos na “Ficha de Sítio”, em anexo.

Antes de se construir a ficha, foi realizada a foto-interpretação (DNPM/CPRM, 1979 escala 1:25.000, voo UAg 1100 151, 44) da área intensamente prospectada. Foi a partir da análise desta que se chegou à necessidade de se construir um modo de trabalhar na escala dos sítios, pois a fotografia aérea permite uma visão em uma escala pequena demais para que sejam trabalhadas particularidades destes. Contudo a foto-interpretação foi de suma importância para se construir uma percepção de conjunto da área estudada.

As fichas foram então tabuladas em laboratório para a formulação de um banco de dados, que auxiliou na análise e interpretação dos dados, possibilitando o cruzamento de variáveis. Porém, no momento da tabulação percebeu-se que os critérios selecionados precisavam ser melhorados e corrigidos. Deste modo, foram criados novos critérios, assim como critérios antes criados foram reformulados. O preenchimento destes foi realizado a partir de fotografias, croquis e anotações de campo.

2.3 a - Coleta das informações dos aspectos naturais da paisagem

A aplicação das fichas criadas exigiu a ida em quase todos os sítios identificados na área de trabalho¹, momento em que se realizou o registro fotográfico, os croquis dos sítios e a verificação da foto-interpretação, agregando nesta elementos não presentes, ou modificados, ou não identificados que acrescesse informações na análise das paisagens dos sítios.

Os seguintes critérios foram utilizados para análise:

- Bacia Hidrográfica: neste item foi assinalado a qual bacia os sítios pertencem (no caso, São Francisco ou Jequitinhonha). Este critério foi selecionado pensando haver uma distribuição de temas e/ou unidades estilísticas segundo as grandes bacias hidrográficas.

- Distância da drenagem mais próxima: neste caso optou-se por considerar qualquer drenagem, seja ela intermitente ou perene. Esta escolha se deu em função da impossibilidade de acompanhar a dinâmica das drenagens, uma vez que não se tem prazo - e nem justificativa - para realizar seu monitoramento. A distância da drenagem foi selecionada enquanto um critério de análise, pensando que pode ser que as atividades que produziram os grafismos rupestres pudessem estar relacionadas aos cursos d'água de alguma maneira, seja para facilitar a obtenção de aglutinante ou solvente para as misturas das tintas, seja por fins simbólicos. E mesmo que a Serra do Espinhaço seja abundantemente rica em drenagens foi possível encontrar abrigos em locais distantes (mais de 300 m) de cursos d'água (e todos os vistos não continham vestígio de pintura rupestre). A distância do sítio à drenagem foi medida com auxílio de um receptor GPS e agrupada em classes.

- Posição da drenagem: este critério teve por objetivo verificar se havia uma recorrência entre a inserção do abrigo e a posição da drenagem em relação a este. Para saber a posição relativa foram utilizados os seguintes valores da variável: *em frente, ao lado, no abrigo, atrás*.

- Ainda quanto à drenagem, foi selecionado como critério a presença ou ausência de nascentes e de trechos encachoeirados.

- Foram selecionadas para critério as características da vegetação predominante no entorno e no entorno imediato aos sítios. É sabido que a vegetação da Serra do

¹ Foram aplicadas as fichas em 30 dos sítios identificados, três deles não foram alvo de análise em função de contratempos na organização do inventário dos sítios identificados pelas diversas equipes responsáveis pela prospecção.

Espinhaço sofreu uma série de transformações ao longo dos séculos, sobretudo em função da ação antrópica. Mas, diante da dificuldade de se trabalhar com uma paleovegetação da área de trabalho, decidiu-se considerar a vegetação presente e disponível hoje na serra. Acreditando-se que, embora um tanto alterada, a vegetação da área de trabalho não deveria ser muito diferente da que se encontra ainda hoje (predominantemente campo rupestre, com aspectos outros do Bioma Cerrado influenciados por questões litológicas, topográficas e de umidade), exceto por sua distribuição e densidade, que poderiam ter sido diferentes no passado. Pensar assim pareceu válido uma vez que foram encontrados, em escavações de sítio da região, fragmentos de espécies vegetais compatíveis com a vegetação que hoje ainda se encontra na serra, em um pacote sedimentar datado do período de 690 a 1240 BP². Estes fragmentos correspondem a frutos, cascas e flores de espécies típicas do Bioma Cerrado. Neste critério selecionado, a vegetação predominante de entorno certamente deveria ser a de campo rupestre, pois está associada aos afloramentos rochosos. Contudo, embora isso pareça óbvio, decidiu-se manter o critério, em função de se ter um grande número de sítios cuja vegetação predominante no entorno é de campo limpo, pois este se apresenta na área em grandes extensões. As áreas que hoje aparecem como campo limpo poderiam muito bem corresponder a antigas áreas de cerrado que sofreram intensiva degradação. Escolheu-se este critério mesmo sabendo não ser possível analisar todas estas áreas de modo a imaginar como estas seriam, contudo acreditou-se ser possível, a partir da observação de espécies hoje presentes e a partir de sobreposição de mapas de localização (topográfico) com o mapa geológico, aventar a possibilidade destas áreas terem sido no passado fitofisionomicamente diferentes. Contudo, adianta-se aqui, que à medida que foi-se tabulando as fichas de campo foi verificado a ineficiência deste critério, uma vez que quase todos os aspectos do Cerrado, com exceção das veredas e dos cerradões, compõem a paisagem de entorno dos sítios. Decidiu-se manter este critério apenas para caracterizar a paisagem tal como ela se mostra hoje a um observador.

- A análise considerou aspectos naturais da paisagem situados em frente aos sítios e no seu entorno. Estes, observados e anotados em campo, abarcam as características das áreas planas cuja vegetação hoje é composta por campo limpo - este está sendo classificado como *amplo* (maior que 100m x 100m), *restrito* (de 30x 30 a

² Beta 199502 e 199504

100 x 100) e *confinado* (até 30 x 30) -, presença de afloramentos, drenagem (podendo não ser a mais próxima), campo encharcado (em função dos inúmeros trabalhos realizados nos sítios, que exigiram a travessia das áreas de campo em diferentes períodos do ano, é possível analisar este critério), blocos desabados, vale encaixado e lajedo.

- Outro critério para análise é o compartimento geológico. Este critério tem por objetivo verificar se há uma recorrência da presença de sítios em determinadas formações geológicas da Serra do Espinhaço. Não que os autores dos grafismos sabiam distinguir entre a formação x ou y, mas pode ser que os tais autores estivessem procurando abrigos com suportes homogêneos, lisos e sem manchas, que estariam disponíveis em maior abundância em determinadas áreas com litologia específica. Além do mais, determinadas formações litológicas, em função de suas características, podem ser passíveis de favorecer abrigos cujas características estavam sendo buscadas pelos autores dos grafismos rupestres.

- A posição topográfica também foi considerada, sendo inserida de duas maneiras: a posição do sítio no afloramento e na vertente. Os valores da variável são *terço inferior, médio e superior* do afloramento, e os mesmos considerando a posição dos sítios na vertente. Decidiu-se separar as vertentes e os afloramentos, porque pareceu importante dar destaque para a posição do sítio no afloramento, que por vezes parece monumental.

- A fim de contemplar as características dos abrigos analisaram-se o tamanho do abrigo (altura, comprimento e profundidade, agrupados em classes), a regularidade do piso (regular e plano, *escalonado, superfície inclinada, plano com muitos blocos e desnível abrupto*), o piso em si (*sedimentar, rochoso, blocos e sedimentar com blocos*), além do tamanho da área com piso sedimentar (< ou > que $6m^2$, essa categoria com estes valores foi criada em função de haver a possibilidade da produção dos grafismos rupestres está relacionada com atividades outras que exigiriam piso sedimentar, como enterramentos, por exemplo). Ainda visando caracterizar o abrigo, este foi descrito quanto à sua morfologia - em *afloramento* ou em *blocos desabados* -, e se há presença de ressaltos e/ou patamares. As medidas dos sítios foram descritas conforme as classes criadas (ver em anexo), uma vez que, mais importante do que precisão métrica é a possibilidade de comparar categorias de tamanho.

- A orientação, ou melhor, a exposição do abrigo também foi contemplada na análise. Por mais que os abrigos da Serra tendam a seguir a orientação desta, ou seja

E/W, estando quase que sempre voltados para NW, é possível encontrar abrigos expostos para outras direções.

- A visibilidade do abrigo, se este é visto facilmente de longe, em todas as direções ou não, também consta um critério de análise, embora sua avaliação seja puramente qualitativa, e é feita considerando o quão o abrigo é visível a partir de diferentes pontos na paisagem (drenagem, extremidade oposta do campo no qual o afloramento se insere, outros afloramentos...).

- A visibilidade que se tem a partir do abrigo foi analisada e para tanto se criaram valores de classificação; assim, a visibilidade dos sítios pode ser *restrita*, em que se vê até 100 m, *boa*, em que a vista alcança de 100 m a 1 km, e *ótima*, em que se tem mais de 1 km de alcance da visão. Estas classificações são válidas para se analisar visibilidade lateral (de qualquer um dos lados do abrigo) e frontal.

- O acesso ao sítio também se constitui enquanto uma variável de análise, podendo ser através do *campo*, por *vertente inclinada*, através de *vertente inclinada com blocos*, *vertente inclinada com blocos e sedimentos*, *vertente muito inclinada*, e *vertente muito inclinada com a presença de blocos e com presença de blocos e sedimentos*.

- Os sítios também foram classificados quanto às características dos suportes utilizados no abrigo. Deste modo foram analisados quanto ao tamanho (*restrito*, menos que 1m² disponível; *pequeno*, de 1 a 3 m²; *médio*, de 3 a 9m² e *amplo*, maior que 9 m²) e morfologia (parede, teto ou bloco). E também quanto à qualidade, neste caso foi analisada a qualidade do suporte mais intensamente pintado e daquele que é predominante. Estes foram classificados em *ruim*, *bom* e *ótimo*, a partir da regularidade, presença de manchas e rugosidades. Quanto mais homogêneo, liso e regular melhor é o suporte. É claro que este critério é classificado segundo o que hoje se pensa ser um bom ou um mal suporte, contudo, considera-se que a observação de características como a rugosidade e regularidade são úteis, em certa medida, para que um suporte “bom” ou “ruim” não seja assim caracterizado somente a partir de impressões absolutamente subjetivas.

2.3 b- Coleta dos dados dos grafismos rupestres

O trabalho de análise dos vestígios rupestres inclui uma série de procedimentos a fim de caracterizar e classificar os grafismos em grandes grupos criados pelos

arqueólogos (unidades estilísticas³). Realiza-se o registro das figuras através de fotos e croquis. É importante que isto seja feito para que se comece a traçar uma ‘intimidade’ com as figuras e com o sítio. O registro das fotos é um importante procedimento, pois permite que se ‘volte’ aos sítios e a determinadas figuras e painéis sempre que necessário. Os croquis são importantes, pois para sua realização é necessária uma observação cuidadosa das figuras para registrar seus aspectos gráficos e suas sobreposições.

Utiliza-se também o calque ou decalque, técnica já empregada desde a década de 1970 pela Missão Arqueológica Franco-brasileira e pelo Setor de Arqueologia da UFMG (PROUS, 1996/97), para se ter uma documentação mais detalhada das figuras e painéis. Esta técnica consiste em copiar as figuras em um plástico que é posto sobre elas, de modo a registrar mais informação do que a fotografia ou o croquis é capaz de fornecer. A partir desta técnica faz-se um precioso exercício de se colocar na posição em que possivelmente as pinturas foram feitas, reproduzir os gestos, sentir as irregularidades e outras características do suporte (Prancha 1). Através do calque, além de se conseguir informações sobre sobreposições das figuras, cores das tintas que as produziram, se consegue se aproximar do modo em que elas foram feitas de uma maneira que nenhuma outra técnica de registro dos grafismos permite.

Depois que as figuras são copiadas em plástico, assim como anotações necessárias (características do suporte, elementos de sobreposição, cor das tintas, aspectos de degradação das pinturas...), em laboratório os calques são digitalizados, possibilitando uma redução dos painéis para que sejam sistematicamente analisados (embora as análises das figuras comecem a ser feitas na realização dos calques, assim como as descobertas e interpretações, sendo continuadas no momento da digitalização).

Obviamente o calque não substitui o registro fotográfico ou os croquis. As técnicas se complementam e servem, muitas das vezes, a etapas do trabalho de análise distintas.

Na região de Diamantina já foram realizados trabalhos de calque em oito sítios de pintura. A escolha dos sítios a serem calcados foi feita em função do número de informações que um sítio pode fornecer. Assim alguns dos sítios mais intensamente

³ A maneira como estas unidades de análise são definidas serão melhor discutidas no capítulo quarto.

pintados, com maior informação de cronologia relativa e variações estilísticas foram calcados⁴.



Prancha 1: Técnicas de reprodução das figuras rupestres

⁴ Infelizmente lidamos com a realidade de se ter que fazer escolhas. Em função da restrita verba para pesquisa, e também do tempo que se tem para realizá-la torna-se impossível o registro em calque de todo o sítio e de todos os sítios. Lidamos portanto com uma seleção amostral dos sítios e dos painéis dentro destes.

A digitalização destes sítios foi de fundamental importância para o delineamento das unidades estilísticas na região. Apesar de não serem todos os sítios calcados, o emprego desta técnica em sítios com muita informação permite o reconhecimento de diferenças e semelhanças entre figuras, somadas às relações de justaposição e sobreposição, que ajudam a definir os diferentes conjuntos gráficos. Esta ‘intimidade’ que se vai criando com os conjuntos e com os sítios permite o reconhecimento de estilos em outros sítios, assim como das relações cronológicas entre esses, corroborando um quadro crono-estilístico regional.

A análise dos grafismos rupestres para esta pesquisa consistiu na identificação, a partir das técnicas descritas e do preenchimento da ficha criada, das unidades estilísticas presentes em cada um dos sítios identificados⁵, na análise da expressividade numérica das figuras nos sítios, nas temáticas presentes e naquela que é dominante, e na distribuição das figuras e dos painéis. As figuras podem estar *isoladas*, em *conjunto*, em *sobreposição* e *esparsas*. E os painéis poderão estar *concentrados em uma parede*, *ao longo de todo sítio*, espalhados ou descontínuos, podendo também *não haver formação de painel* ou apenas um *único*. Os valores da variável que visa analisar a distribuição das figuras não são excludentes, ao contrário daqueles criados a fim de analisar a distribuição dos painéis.

Importante dizer que, embora não componha a lista de variáveis, a presença de abrigos ‘pintáveis’, e não pintados, próximos aos sítios, foi registrada e suas características observadas. A caracterização sistemática dos abrigos não pintados seria um procedimento metodológico útil. Contudo, a Serra do Espinhaço possui um infinito número de abrigos, e aplicar fichas de análise em todos eles exigiria um projeto infinitamente maior do que uma dissertação de mestrado. Em função disso foram observados, em campo, somente os abrigos localizados próximos aos sítios identificados, sendo estes descritos de maneira sumária, observando-se sobretudo características do abrigo como tamanho, características do suporte, posição topográfica e acesso – critérios que pareciam ter importância no processo de ocupação dos abrigos desde o início da pesquisa.

⁵ A presente realidade de pesquisa não permite classificar todos os grafismos nas unidades estilísticas identificadas, lida-se, portanto, com aquelas cuja classificação é possível.

2.4 - O tratamento dos dados

As informações coletadas nas fichas foram em laboratório tabuladas e organizadas de acordo com as classes criadas, a partir dos próprios dados. Criou-se então, utilizando-se do aplicativo Microsoft Access, um banco de dados em que os critérios foram inseridos juntamente com as classes criadas para cada um dos sítios.

A organização dos critérios em um banco de dados permitiu o cruzamento das variáveis e o tratamento estatístico dos dados. Foram analisadas a frequência simples de cada uma das variáveis e a frequência do cruzamento de até quatro variáveis (formato permitido pelo programa), bem como a moda em algumas variáveis (nas variáveis contínuas e em algumas variáveis discretas, como acesso aos sítios). Para isso foram utilizados os recursos do Access 2000 denominados “consulta simples” e “consulta de referência cruzada”.

Os cruzamentos foram realizados relacionando a unidade estilística presente nos sítios com critérios que caracterizam os sítios e a paisagem natural do entorno.

2.5 – A maneira como se interpreta

A interpretação da paisagem se faz tomando seus elementos enquanto um conjunto de signos, estes, como dito alhures, entendidos enquanto algo que tem em si um significado e um significante, que são reconhecidos e partilhados por determinados grupos culturais.

Tomar os elementos da paisagem enquanto signos permite uma leitura das paisagens que se assemelha às propostas metodológicas lançadas pela hermenêutica. A hermenêutica, contudo, pressupõe o entendimento do significado do texto através desta leitura, limitação pujante quando se pretende tratar de ‘textos’ que se configuram enquanto paisagens construídas na pré-história, incitadas por realidades radicalmente diacrônicas às de leitores contemporâneos. O fato de não ser tarefa fácil chegar a um significado para o conjunto de significantes que compõem a paisagem, no caso das paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina, não exclui a possibilidade de se entender a paisagem como um conjunto de signos. Isto porque é possível abrir mão dos significados inerentes a determinados significantes e trabalhar com a organização dos signos na paisagem. Deste modo, utiliza-se da noção de estrutura da paisagem. Ou seja, pretende-se trabalhar o ‘texto’ não alcançando seu significado, mas na maneira como este foi composto, estruturado. De maneira prática, isto quer dizer

que não se pretende dizer o que o rio significa, mas sim entender a relação que o rio estabelece com outros elementos da paisagem, do texto. O entendimento da estrutura possibilita não significar e interpretar um signo, mas é possível tentar significar a organização de vários signos, como algo que passa pela cognição, percepção e gerenciamento dos recursos.

Buscou-se, portanto, o entendimento da organização dos signos que a paisagem congrega, interpretando-a. Fez-se uma busca de diálogo constante entre duas correntes teóricas, aqui tratados sob a ótica de Richard Rorty (1994) e de Umberto Eco (1994), a fim de melhor selecionar a maneira como as paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina deveriam ser interpretadas

Para Umberto Eco a interpretação deve ser feita a partir de elementos que são internos ao texto, elementos que estão disponíveis apenas na obra que se pretende interpretar. Considerar elementos que são externos ao texto implica em não interpretá-lo, mas sim em ‘usá-lo’. Eco diz que como a interpretação só acontece com os elementos internos que compõem determinada obra, serão esses os elementos a definir a interpretação. E é inclusive a maneira como os sinais são compostos dentro do texto que permitirá uma maior variedade de interpretações, obedecendo, contudo, a uma “coerência” própria do texto. A utilização de elementos que são externos a esta composição permite o que Eco chama de ‘superinterpretação’, e comprometeria uma interpretação consistente. Aplicada à paisagem isto quer dizer que a possibilidade de interpretá-la está limitada aos elementos que a constituem.

Em contraposição a Umberto Eco, Richard Rorty (1994) argumenta que uma obra é passível de várias leituras, que não são limitadas à sua composição aparente. A interpretação acontece de acordo com a trajetória feita pelo leitor, de acordo inclusive, com o objetivo a que a interpretação se presta. Tanto o objetivo, como a trajetória, são elementos “do outro”, do leitor, portanto, seriam, para Eco, externos ao texto. Todavia, para Rorty não há um limite claro entre o que é externo e o que é interno à obra, pois as leituras são feitas por indivíduos leitores, os quais carregam sua própria carga literária capaz de auxiliá-los a fazer as associações que acham coerentes e, conseqüentemente, sua própria interpretação, estimulada pelos elementos que compõem determinados textos, fotografias, quadros, enfim por qualquer meio de linguagem, e não determinada por eles. Tomando a paisagem enquanto texto, a concepção de Rorty permite que essa seja interpretada a partir de sua composição aparente, mas também a partir do conhecimento (outros textos e antigas interpretações) que se tem desta composição.

Deste modo, a interpretação dos dados se fez não apenas a partir de seus signos, mas também a partir do conhecimento que se tem sobre tais signos, em acordo com as possibilidades interpretativas defendidas por Richard Rorty. Todavia, certos cuidados foram tomados no momento de interpretar as paisagens dos sítios, de modo que as associações e atribuições aos signos fossem feitas a respeitarem o contexto da produção das paisagens dos sítios de pintura. Ou seja, as paisagens embora vistas hoje e interpretadas por um pesquisador - coberto por suas próprias intencionalidades - foram vividas e modificadas em uma estrutura cultural cujos valores se distinguem dos valores do pesquisador que se coloca enquanto observador de tais paisagens. Sendo assim, determinadas atribuições de significados, ou a falta delas, tiveram o cuidado de não se tornarem leituras absolutamente etnocêntricas. Tomou-se o cuidado de não utilizar tendências que não pertenceram, e não pertencem, ao contexto de produção e construção de um texto específico: as paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina, na pré-história.